



A MORTE NA LITERATURA INFANTIL: DIFERENTES ABORDAGENS

Jaine de Sousa Barbosa; Valnikson Viana de Oliveira

(Universidade Federal da Paraíba, jaine.barbosa_@outlook.com; Universidade Federal da Paraíba, valnikson18@hotmail.com)

Resumo: Foi pensando em discutir acerca do morrer dentro de obras infantis atuais que este trabalho surgiu. Nossa pesquisa, que é de cunho interpretativo e bibliográfico, tem como principal objetivo discutir a representação e o tratamento da morte na obra *A árvore das lembranças* (2014), de Britta Teckentrup, e no conto “O moço que não queria morrer”, da obra *Contos de enganar a morte* (2003), de Ricardo Azevedo. Em nossa discussão, questionamos se é permitido falar de morte para crianças através da literatura, bem como se é correto privá-las de algo real e presente na história humana. Para tanto, faremos um breve percurso histórico acerca da morte na história e na literatura, bem como sua inserção na literatura infantil. Em seguida, analisaremos o lugar da morte nas referidas obras, através de elementos dos textos verbal e visual, evidenciando a forma como ela é abordada e apresentada ao público-alvo. Para tanto, utilizamos, como aporte teórico, os trabalhos de alguns autores que se debruçam sobre a questão, tais como, Rodrigues (1998), Aguiar (2010), Paiva (2011), entre outros. A partir de tal percurso metodológico, percebemos o quão relevante é tratar da morte em textos destinados ao leitor infantil, ainda que em caráter alegórico ou inferencial, sem privá-lo de compreender as fases da vida que todo indivíduo deve transpor. A morte continuará fazendo parte da natureza humana: não há como evitá-la, mas há como discutir sobre ela através da imaginação e da fantasia, em uma aproximação leve e com linguagem apropriada.

Palavras-chave: Morte, Literatura infantil, Tabu, Representação.

Introdução

A morte nunca foi um tema fácil. Desde a antiguidade, sua presença é motivo de inquietações, principalmente porque a seu respeito há mais lacunas que respostas. Muitos filósofos, estudiosos, cientistas e religiosos, desde muito, elencam considerações sobre ela. A literatura, como parte relevante no universo das artes, não se ausentou disso, mas, através dos tantos caminhos que a linguagem pode propor, representou-a, através dos tempos e das épocas, por meio da história de vida de muitas personagens e de diversas simbologias e imagens, algumas realistas e assustadoras, outras românticas e metafóricas.

Dentro desse grupo, por volta do século XVII, uma literatura destinada ao público infantil se fez surgir, vertente esta que, antes de receber tal título, era ouvida por todos, independente da idade que tinham, trazendo cenas de morte nas mais variadas ficcionalizações, sendo algumas delas bastante violentas, mas não proibidas. Apenas depois de consolidada a ideia de uma literatura própria para crianças surgiram os conteúdos tabu e que seriam destinados apenas para o universo adulto. Nesse meio, encontrava-se a morte, que





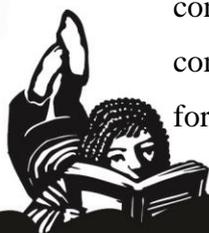
a cada vez foi mais afastada do mundo infantil ou sublimada por metáforas, simbolismos e eufemismos.

Na contemporaneidade, os novos temas da literatura infantil “[...] supunham especialmente um convite ao leitor para que considerasse o conflito como uma parte inevitável da própria vida. E, assim, o tema de enfrentar a dor tomou corpo em suas formas mais variadas: as doenças, a morte, o maltrato escolar, as mazelas etc.” (COLOMER, 2017, p. 193). Todavia, nesse mesmo contexto, a ideia do “politicamente correto” e do “apropriado ou não para crianças” fortaleceu ainda mais a ideia de que não se pode inserir um pequeno leitor no universo dos mortos, embora a morte esteja completamente inserida em sua vida. Foi justamente pensando em discutir acerca do morrer dentro de obras infantis atuais que este trabalho surgiu.

Nossa pesquisa, que é de cunho interpretativo e bibliográfico, tem como principal objetivo discutir a representação e o tratamento da morte na obra *A árvore das lembranças* (2014), de Britta Teckentrup, e no conto “O moço que não queria morrer”, da obra *Contos de enganar a morte* (2003), de Ricardo Azevedo. Em nossa discussão, questionamos se é permitido falar de morte para crianças através da literatura, bem como se é correto privá-las de algo real e presente na história humana. Para tanto, faremos um breve percurso histórico acerca da morte na história e na literatura, bem como sua inserção na literatura infantil. Em seguida, analisaremos o lugar da morte nas referidas obras, através de elementos dos textos verbal e visual, evidenciando a forma como ela é abordada e apresentada ao público-alvo. A partir de tal percurso metodológico, percebemos o quão relevante é tratar da morte em textos destinados ao leitor infantil, ainda que em caráter alegórico ou inferencial, sem privá-lo de compreender as fases da vida que todo indivíduo deve transpor. A morte continuará fazendo parte da natureza humana: não há como evitá-la, mas há como discutir sobre ela através da imaginação e da fantasia, em uma aproximação leve e com linguagem apropriada.

Temas tabu na literatura infantil

Enquanto efeito da história, a produção literária infantil, assim como a vinculada ao público adulto, resulta das relações que o leitor estabelece com o meio social, cultural, político e econômico. Trata-se de uma realização escrita com finalidade inerente a um contexto de produção, recepção, circulação e utilização que supõe, antes de tudo, a consideração de uma importante concepção historicamente construída e localizada, assim como a outros importantes processos sociais desenvolvidos simultaneamente à sua formulação na Europa. Trata-se da ideia de infância, que modifica a posição da criança dentro





VII ENLIJE

da sociedade e no próprio âmbito doméstico, paralelamente à emergência da família burguesa e à consolidação da educação escolar.

Segundo Cohn (2009, p. 22), este conceito é entendido de maneira muito diversa em diferentes contextos socioculturais, podendo “não existir, ou ser formulada de outros modos”. Os estudos que abordam aspectos relacionados a esta noção não podem prescindir de uma reflexão “de que infância se está falando”: no caso exposto no presente estudo, referimo-nos à concepção construída no ocidente. A partir desse entendimento, podemos inferir que tal concepção também pode, além de variar com o tempo, cruzar diferentes culturas.

Os primeiros livros destinados a pequenos leitores foram editados entre o final do século XVII e o início do século XVIII. Antes deste período, não se escrevia especificamente para a criança porque não existia o conceito de uma faixa etária diferenciada para ela, com necessidades e interesses próprios. De acordo com Ariès (2014), a civilização medieval não identificava a diferença entre o adulto e o pequeno, não possuindo qualquer noção de passagem de uma fase a outra.

Participando da vida comunitária, dos costumes sociais, hábitos, linguagem, jogos, brincadeiras e festas, aparentemente não havia, no período medieval, assuntos que a criança não pudesse conhecer. Os temas da vida adulta, as alegrias, a luta pela sobrevivência, as preocupações, a sexualidade, a morte, a transgressão das regras sociais, o imaginário, as crenças, as comemorações, as indignações e perplexidades eram vivenciadas por toda comunidade, independentemente de faixas etárias. (AZEVEDO, 1999, p. 3).

Foi com o surgimento do sentimento da infância que se estabeleceu uma firme divisão entre as experiências de crianças e adultos, estabelecendo aparelhos ideológicos para a preservação da unidade familiar e, especialmente, do lugar dos mais jovens ante o meio social. Ainda segundo Ariès (2014, p. 194), a família também deixou de ser apenas uma entidade legal para a transmissão dos bens e do nome, assumindo também uma “função moral e espiritual, passando a formar os corpos e as almas”. Nesta perspectiva, Zilberman (1987, p. 9) aponta que a escola adquiriu nova significação, ao tornar-se o “traço de união entre os meninos e o mundo, restabelecendo a unidade perdida”, um verdadeiro meio de controle do desenvolvimento intelectual e de manipulação das emoções da criança. Com o avanço da escolarização, o infante também ganhou toda uma produção cultural particular à sua etapa de vida, assim como foi submetida ao discernimento de haverem elementos, questões e temas a serem vetados de seu domínio, despregados de sua rotina a fim de proteger sua inocência.

Essa infância “sentimentalizada” ainda encontra ecos na contemporaneidade através da cultura de aversão ao risco, trazendo à tona a discussão em torno da condição que os adultos teriam de poder decidir o que é apropriado ou adequado para as crianças. Como

(83) 3322.3222

crianças@enlije.com.br

www.enlije.com.br





VII ENLIJE

reflexo de seu tempo, a literatura infantil, que nunca foi social ou politicamente neutra, abarcou as transformações ideológicas acerca dos tabus que ainda cercam o seu público-alvo:

Ao mesmo tempo em que diversos temas difíceis, como morte, doenças, abusos e racismo, têm sido abordados nesse gênero literário nos últimos cinquenta anos, muitos especialistas, especialmente no Ocidente, acreditam que as crianças devem ser poupadas desses fatos desagradáveis do cotidiano. (SALISBURY & STYLES, 2013, p. 113).

O tratamento de temas e elementos menos agradáveis da vida acabou alcançando outros debates, tornando-se ponto importante na própria relutância de editoras em especificar a faixa-etária de destinação de obras. O mercado editorial, inclusive, ganha importância na questão, ora por permitir que autores já renomados toquem nos assuntos, ganhando o direito de publicar “livros arriscados” (SALISBURY & STYLES, 2013, p. 113), ora por receber, em alguma instância, influência de setores mais conservadores da sociedade, como a Igreja.

Felizmente, a perspectiva atual no Brasil demonstra entender que qualquer escolha temática no tocante à literatura para jovens e crianças é, muitas vezes, subjetiva (tanto do produtor, como do consumidor) e, por isso, controversa. Com isso, o nosso mercado vem se rendendo à publicação de obras de conteúdo “delicado”, enfrentando abertamente o preconceito e a formulação de polêmicas. Já a nossa crítica especializada, acompanhando as transformações dessa produção literária, voltou à sua pesquisa à recepção e às diferentes abordagens desses temas no decorrer da história.

Nesse sentido, Zilberman (1994, pp. 50-52) reporta aos quatro ângulos da adaptação estabelecidos por Göte Klinberg (1973): a “adaptação do assunto”, considerando que a compreensão de mundo do receptor, assim como suas vivências, são limitadas, com o escritor obrigando-se a uma restrição no tratamento de certos temas, ideias ou problemas; a “adaptação da forma”, sempre visando ao interesse do leitor, assim como às condições especiais de sua percepção do real, sendo importante que a forma escolhida coincida com suas expectativas receptorais; a “adaptação do estilo”, com o vocabulário e a formulação sintática não costumando exceder o domínio cognitivo do leitor, justificando a preferência dos escritores por um tipo de redação que coincida com as particularidades do estilo infantil; e “a adaptação do meio”, com a presença de ilustrações e tipos gráficos que proporcionem condições de atração das obras. Todos esses níveis possibilitam aos autores equiparar sua visão à dos pequenos leitores em uma adequação estilística que permite a eficaz compreensão e a reflexão do material lido, construindo sujeitos críticos.





Breve trajetória da morte

É fato que a morte é um tema bastante recorrente na literatura de um modo geral, e, semelhantemente, na literatura destinada ao público infantil. Por ser algo inerente à natureza humana, era inevitável que a literatura, como uma forma de representação da própria vida, não trouxesse para as páginas de seus livros, ou mesmo em suas manifestações orais, um assunto que gera tantos questionamentos das mais diversas áreas de estudos.

As narrativas populares, por exemplo, sempre trouxeram cenas de morte nas mais variadas representações. Na França do século XVII, possível berço dos contos populares infantis, a quantidade de contos compilados por Charles Perrault, e aqueles que não foram por eles selecionados, com certeza, traziam descrições e representações de morte que falavam muito de uma época. Sobre isso, Rodrigues (1983) pontua que as práticas, as crenças, e os “ritos funerários operam dentro de um campo semântico. Mas este campo está longe de ser o mesmo segundo as culturas, os grupos sociais e os diferentes momentos históricos de uma sociedade.” (RODRIGUES 1983, p. 26). É por essa razão que o modo com o qual o homem lida com a morte passou e ainda passa por vários estágios. No decorrer dos séculos, foram inúmeras as transformações tanto na forma de enxergar o corpo do morto quanto o próprio luto.

Sabendo disso, é relevante afirmar que a compreensão do conceito de morte em si, decorre da interação dos indivíduos para consigo e para com os outros. O resultado dessa interação é a infinidade de representações atribuídas ao tema, sejam essas representações “mágico-religiosas (que a família, comunidade religiosa, cultura se encarrega de repassar), sejam os saberes sobre os processos da morte e do morrer. Quanto a estes, percebe-se que, em nossa sociedade, as crianças são afastadas de situações que as façam deparar com a morte.” (LOTTERMAN, 2010, p. 47). E é a literatura um dos caminhos possíveis para realizar a aproximação necessária através das histórias.

Ainda que a morte seja tratada como um tabu ou que ela tenha aparecido em diversos textos de forma efêmera, há obras que se preocupam em tratar do tema sem o aspecto sombrio e amedrontador que ele teve durante tanto tempo. Têm-se criado novas histórias para o público infantil que se preocupam em fazer compreender o fenômeno da morte. São obras que reintegram a criança em uma realidade da qual tentaram excluí-la mesmo quando tudo a sua volta nasce e morre ao longo do tempo. (GOMES & MEDEIROS, 2014).

Nesse sentido, os textos que ocupam a categoria de literatura infantil não só favorecem o deleite e um passaporte ao universo da fantasia, mas também permitem a crianças e adultos

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br





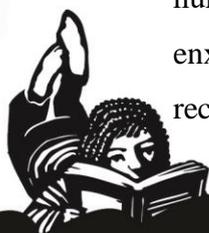
conceberem estratégias que os auxiliarão na compreensão do mundo que o rodeia e de tudo o que faz parte dele, assim como os temas que permeiam nossa realidade humana, como o nascimento, a violência, o amor, a morte, entre outros. De maneira simbólica, metafórica, objetiva, é possível apresentar à criança o universo no qual ela habita, permitindo que ela projete-se em diferentes situações e através da vida de muitas personagens.

Morte exemplar e metafórica em *A árvore das lembranças*

A análise de um dos *corpora* escolhidos para o presente texto nos traz uma forma de compreender o luto e a morte não como algo a ser temido, mas como parte do ciclo natural da vida. *A árvore das lembranças*, de Britta Teckentrup (2014), é um livro que, embora destinado ao público infantil, fala a qualquer idade sobre a morte e sua representação na atualidade, de uma maneira simbólica, sensível e através de um trabalho gráfico que contribui ainda mais para a transmissão de sua mensagem. A história escrita por Britta (2014) gira em torno da morte de uma raposa que, cansada, sabia que sua vida estava chegando ao fim. O texto se inicia com uma conhecida metáfora atribuída à ideia da morte: o sono profundo e eterno:

Era uma vez uma raposa que vivia na floresta com os outros animais. Ela levava uma vida longa e feliz, mas estava ficando cansada. Bem devagar, ela foi até seu cantinho favorito na clareira. Olhou para sua adorada floresta pela última vez e se deitou. Fechou os olhos, respirou fundo e caiu no sono. (TECKENTRUP, 2004, p. 7).

Para Correia (2013), a metáfora do sono profundo é bastante utilizada para falar de morte para crianças, “graças à sua estrutura e aos seus temas, à utilização de fórmulas de repetição. A sua linguagem metafórica permite à criança projetar-se em diferentes personagens e situações.” (CORREIA, 2013, p. 35). Essa ideia de falar sobre a morte através de metáforas ou eufemismos é bastante comum em nossa sociedade. Provavelmente, cada um de nós já ouviu que alguém “partiu dessa para melhor”, “descansou”, “bateu as botas”, “virou estrela” ou “foi morar com Deus”. A infinidade de substituições é imensa e mesmo não se tratando de uma obra brasileira, percebe-se que a morte também é vista de forma semelhante, principalmente porque, na cultura ocidental, há muitas representações acerca do tema que nos aproximam. E essa aproximação, percebida através de um texto literário, só reforçam o fato de que “a literatura tem sido, através dos tempos, um dos modos de registro da experiência humana” (AGUIAR, 2010, p. 23), e essa experiência reflete o modo que cada um de nós enxergamos o morrer e o viver, através da discussão de um tema que, embora recorrente, recebe um tratamento que desdobra-se em muitos sentidos.





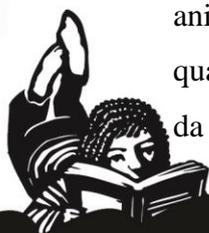
VII ENLIJE

No decorrer do texto, assim que a raposa se deita, um delicado cobertor de neve cobre seu corpo e, ao longe, quieta e silenciosa, a coruja assiste toda a cena. Assim como a raposa tinha consciência de que morreria, ela também sabia que havia chegado a hora da partida de sua amiga: “A coruja, que observava a raposa do alto de uma árvore, voou e pousou ao lado da amiga. Estava muito triste. Ela conhecia a raposa há bastante tempo, mas sabia que tinha chegado a hora de sua amiga partir” (TECKENTRUP, 2004, p. 10). Logo após esse momento, os outros animais chegam à clareira e se colocam ao redor da raposa, como em um velório. “A raposa tinha sido amada por todos eles. Ela era gentil e atenciosa. Ninguém conseguia imaginar como seria a vida na floresta sem ela. Os animais ficaram sentados em silêncio por muito, muito tempo.” (TECKENTRUP, 2004, p. 12).

O silêncio diante da cena, expresso tanto pelo texto não verbal, quanto pelo verbal, nos faz pensar sobre o próprio silêncio humano diante da morte. Paiva (2011) aborda essa questão afirmando calar-se é uma forma de compreender a nova realidade, uma vez que “no luto, surge o vazio por causa da falta que a pessoa que morreu faz: a saudade. O livro mostra maneira de lidar com isso: a memória (lembranças de coisas boas e ruins) [e] explica que o tempo ajuda a superar.” (PAIVA, 2011, p. 120).

Esse silêncio que, por muito tempo, envolve os animais da floresta, é quebrado à quando cada amigo lembrou-se dos momentos especiais que tinha vivido com a raposa. Com sua ternura e generosidade, ela havia deixado sua marca na vida de cada um dos animais da floresta (TECKENTRUP, 2004, p. 18). É nesse momento em que eles percebem, ao chão, uma plantinha laranja brotar bem no local onde a raposa havia morrido: “Era pequena e delicada, quase não dava pra ver, mas a cada história contada ela crescia, ganhando força e ficando mais bonita” (TECKENTRUP, 2004, p. 19). A planta se transforma em uma pequena árvore à noite. Ao lado da ilustração que representa a referida cena, o narrador afirma: “Ao notarem a árvore, os bichos entenderam que a raposa ainda era parte deles” (TECKENTRUP, 2004, p. 22). Em sua fala, percebemos a concepção de morte não como o fim da vida, mas como um estágio dela, como um ciclo. Para os animais da floresta, a raposa ainda estava entre eles.

A prova de que a abordagem da morte no texto em análise não é dada de forma efêmera ou simplificadora é que a morte da raposa é o que transforma a vida dos animais da floresta. O evento aproxima a todos e é a mola propulsora para o desenrolar da narrativa. Os animais da história vivenciam o luto, o silêncio, a tristeza e a superação desses sentimentos quando recordam tudo o que viveram de bom ao lado da raposa. Essa atitude faz o contexto da história mudar, uma vez que quanto mais eles recordavam sua amiga, “mais ela vive” (TECKENTRUP, 2004, p. 22).





VII ENLIJE

crecia e ficava bonita, até se tornar a mais alta da floresta. Uma árvore feita de lembranças e repleta de amor” (TECKENTRUP, 2004, p. 24).

A morte da raposa nos faz pensar sobre a continuidade da vida e nos mostra que aqueles que partiram nos deixam lições que nos ajudam a trilhar nossos próprios caminhos. Os amigos da raposa não apenas sentiram saudade pela ausência da amiga, mas recordam todos os bons momentos que tiveram juntos e como ela era importante para a vida de todos. Se usarmos toda a narrativa para compreender o universo humano, veremos como a obra nos ensina a lidar com o luto. Se o compreendermos como um processo pelo qual passam aqueles que perdem algo ou alguém, e, nesse período, vivenciam os momentos da morte e tudo o que ele traz consigo, como a dor, a negação, a tristeza e a própria aceitação, veremos que a *Árvore das lembranças* nos mostra, através do comportamento dos animais, que a dor da perda pode ser substituída pelas boas lembranças que mantém viva dentro de nós a pessoa que partiu.

A transformação da raposa em uma árvore, à medida que cada amigo recordava-se de tudo que vivera ao seu lado, nos mostra como a memória afetiva foi capaz de uni-los em nome do amor. Todos passam a viver juntos e mais felizes graças à presença da raposa personificada na árvore. A sua morte, trouxe a vida através da árvore, que deu força a todos que a tinham amado:

A árvore da raposa era tão grande e forte que podia abrigar todos os bichos. E estava sempre cheia de vida. Os passarinhos construíram seus ninhos entre as folhas, e a coruja criou seus netinhos nos galhos. O esquilo montou um lar aconchegante no tronco, e o urso, o veado e o coelho dormiram à sua sombra. A árvore deu força a todo mundo que tinha amado a raposa [...] *E, assim, a raposa continuou para sempre viva em seus corações.* (TECKENTRUP, 2004, p. 26, grifo nosso).

Com a fala grifada acima, o narrador finaliza a obra afirmando que, mesmo após ter morrido, a raposa permaneceu viva no coração daqueles que a amavam. Ele abordou a temática da morte, em toda a narrativa, de forma simbólica e poética mostrando aos seus leitores que a morte, embora seja acompanhada por sentimentos de medo, tristeza, dor e saudade, também pode vir acompanhada de amor, carinho e ternas lembranças daquele que partiu. Tais lembranças fazem com que quem nos deixou possa permanecer vivo em nós, bem como a raposa permaneceu, tanto através da árvore que cresceu no lugar em que ela faleceu, e que é também uma representação “literal” dela mesma, vista na cor alaranjada da árvore.





Morte como motivo de humor e reflexão em “O moço que não queria morrer”

Benjamin (1987, p. 198) defende que as melhores narrativas escritas são “as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”. Nesse sentido, as narrativas poderiam se apresentar de diferentes formas, não apenas na oralidade viva, mas devendo sempre remeter a ela. O ensaísta alemão divide a figura do narrador em dois grupos: o que vem de longe, a exemplo de um marinheiro comerciante, e o que não sai do seu país, conhecendo bem a tradição, como a figura um camponês sedentário. Para ele, a extensão real do universo narrativo só pode ser compreendida se levarmos em conta a interpenetração desses dois tipos. A tradição oral que povoou a infância de tantos brasileiros é matéria de boa parte da obra do escritor e ilustrador Ricardo Azevedo, cujo projeto literário destinado aos pequenos leitores perpassa por histórias de encantamento, contos maravilhosos, crônicas, anedotas, “causos”, entre tantos outros gêneros. Desde a década de 1980, ele realiza pesquisas em busca de versões diversas de contos populares, a partir dos quais fundamenta seu processo de criação, assumindo o papel de um contador de histórias que, através de uma linguagem mais despojada e direta, mas não por isso menos metafórica, projeta em seu leitor o lugar de “ouvinte”, com quem busca se comunicar. Conforme Azevedo (2007), as histórias populares, embora sejam ficção e contenham aspectos mágicos, não separando nitidamente entre o real e o fantástico, nem de longe deixam de abordar aspectos da vida concreta e de especular sobre ela.

No livro *Contos de enganar a morte* (2003), o referido autor apresenta quatro contos que tratam das influências da morte na cultura folclórica nacional, indo de encontro ao pensamento de que as narrativas orais possibilitam o contato com “temas que dizem respeito à condição humana vital e concreta, suas buscas, seus conflitos, seus paradoxos, suas transgressões e suas ambiguidades.” (AZEVEDO, 2007, p. 8). As narrativas exploram a recorrência do elemento cômico, principalmente através da personificação da morte, que surge como uma figura fantasmagórica inclusive nas ilustrações feitas por Azevedo, emulando o estilo da xilogravura.

O conto “O moço que não queria morrer” narra a história de um jovem que conhece a Morte por acaso e, assustado com a possível chegada do fim, resolve procurar um lugar onde ninguém morria.

O jovem ficou pensando. Não queria morrer nem quando ficasse velho. Achava errado morrer. Para ele, a morte era uma injustiça. Lembrou-se de sua conversa com o vulto misterioso e sorriu:

- Acho até que a Morte sentiu um pouco de medo de mim! (AZEVEDO, 2003, p. 35).





VII ENLIJE

A negação e o medo da morte ocasionam a coragem para o seu enfrentamento, assim como o desejo de uma vida eterna. O moço inicia uma jornada em busca do lugar sem morte, andando e perguntando acerca de seu paradeiro a quem encontrava pelo caminho. Azevedo evoca a estrutura das narrativas acumulativas, trazendo a repetição de elementos: o rapaz vai conhecendo figuras muito velhas que lhe prometem vários anos de vida em troca de companhia, oferta essa que sempre é negada, já que nenhum lhe oferece realmente a almejada eternidade (o primeiro senhor lhe oferece cem anos, o segundo, duzentos anos, e o terceiro, trezentos anos).

Após andar muito mais, o protagonista encontra um castelo dourado aparentemente abandonado, situado no alto de um despenhadeiro. Lá, é recepcionado por uma bela moça que o chama pelo nome e conta que ali seria o tão almejado espaço onde a Morte não iria. Decidindo ficar, ele é advertido de uma condição: não poderia sair dali, ou então morreria. Aceitando, ele vive toda a fartura e o conforto de um rei, sentindo que finalmente enganou a inimiga. Todavia, vai surgindo aos poucos o arrependimento ante a vida eterna e o passar do tempo: “Mas o tempo é um vento que leva tudo. Acontece que o jovem viajante deu para sentir falta da família, dos amigos e da cidade onde tinha nascido” (AZEVEDO, 2003, p. 40).

Decidido a visitar sua terra e sua família, ele toma conhecimento de que já haviam se passado mais de quinhentos anos desde que foi morar com a moça bonita. Insistindo em partir mesmo assim, ele é advertido de que não deveria descer do cavalo branco mágico em que montaria e que não poderia comer qualquer coisa enquanto estivesse fora. Deparando-se com as mudanças ocorridas durante o tempo em que esteve recluso, o moço não encontra mais nenhum vestígio da pequena vila em que tinha nascido. Desconsolado, decide voltar, mas sente o seu corpo pesar em uma “mistura de cansaço, espanto, saudade e fome” (AZEVEDO, 2003, p. 43). É quando encontra, na estrada, um homem levando uma carroça cheia de maçãs, que lhe oferece uma das frutas por conta da casa. O jovem acaba tendo uma ingrata surpresa:

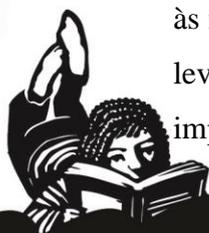
O jovem saltou do cavalo, escolheu uma maçã e mordeu.

Foi quando uma mão fria e forte agarrou sua nuca.

- Agora você não me escapa!

O homem da carroça cheia de maçãs era ela, a Morte, o último suspiro, a treva sem fim, a vigília que nunca acaba, o derradeiro alento, o dono da noite sem horas. (AZEVEDO, 2003, p. 44, grifo nosso).

O desfecho do conto é marcado pela frase recorrente da Morte no livro, afirmando que ninguém lhe escapa. Com isso, Ricardo Azevedo aborda a finitude de modo leve e apropriado às narrativas orais, envolvendo o leitor em uma atmosfera imaginativa e bem-humorada que o leva a um ensinamento real. O autor demonstra se preocupar com a compreensão do caráter implacável da morte, que seria a única certeza que todos teriam na vida. No conto em questão,



(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br



VII ENLIJE

ela não assusta e sim faz rir, sendo apresentada de maneira a naturalizar o seu contato com a humanidade, ainda que em uma personificação fantástica. A ideia de que tudo termina, a garantia do óbito, que viria cedo ou tarde, traz na verdade a reflexão sobre a importância de se cuidar da vida, que é preciosa, porém frágil. Ela sim pode ser roubada, principalmente quando, imbuídos em medo ou ganância, deixamos de prestar atenção no passar do tempo e não aproveitamos o que realmente nos faz feliz.

Conclusão

O processo de adaptação perpassa muitas histórias que acabam por adequar o texto ao destinatário esperado, por isso, há, por vezes, modos diferentes de retratar cenas de morte. A metáfora, o simbolismo, as alegorias e outros mecanismos são sempre utilizados para atenuar as partes em que ela aparece nas obras. No entanto, é por meio dela que muitas verdades sobre a vida e os conflitos que a envolvem podem ser representados. Em se tratando da morte, os textos acabam por serem utilizados de forma exemplar.

No presente trabalho, trouxemos a análise de duas narrativas destinadas ao público infantil que trazem representações distintas acerca do mesmo tempo. Longe de trazer a imagem da morte associada ao medo, como acontece comumente, os autores dos textos aqui explanados nos fazem perceber o evento morte a partir de duas formas: cômica e metafórica. As abordagens vistas nos fazem perceber que é possível falar de morte com as crianças a percebendo não como algo a ser temido, mas principalmente discutido e compreendido, uma vez que, assim como é faz parte do universo do adulto, faz também do da criança.

A abordagem dada a morte em muitas obras ao longo da história sofreram muitas modificações. Essas mudanças eram e ainda são decorrente de uma série de fatores que foram explanados ao longo do texto. O público a ser destinado, o período em que foi produzido e o próprio autor refletem diretamente naquilo que será escrito sobre o tema. De modo geral, essa pesquisa comprova que é possível compreendê-lo sob as mais diversas representações.

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de. *A morte na literatura: da tradição ao mundo infantil*. IN AGUIAR, V.T; CECCANTINI, L.J; MARTHA, A.A.P. (Orgs.) *Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Cultura Acadêmica. ANEP, 2010.

ARIÈS, P. *História social da infância e da família*. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 2014.





VII ENLIJE

AZEVEDO, Ricardo. *Conto popular, literatura e formação de leitores*. 2007. Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Contos-populares.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2018.

_____. *Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares*. 1999. Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Literatura-infantil.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2018.

_____. O moço que não queria morrer. In: *Contos de enganar a morte*. São Paulo: Ática, 2003. pp. 33-44

BENJAMIN, W. O narrador - Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política*. (Obras escolhidas). São Paulo: Brasiliense, 1987.

COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. São Paulo: Zahar, 2009. (Coleção Ciências Sociais Passo-a-passo)

COLOMER, Teresa. *Introdução à literatura infantil e juvenil atual*. Tradução de Laura Sandroni. 1. Ed. SÃO Paulo: Global, 2017.

CORREIA, Graça Maria do Rosário Ribeiro. *A morte na literatura infanto-juvenil: da análise de obras literárias ao incentivo da Leitura desta problemática na "Hora do Conto"*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Portucalense, Porto, 2013. Disponível em <<http://repositorio.uportu.pt/xmlui/handle/11328/787>>. Acesso em 04 Abr 2018.

GOMES, Steffany Romualdo Sousa. MEDEIROS, Márcia Maria de. *Concepções da morte: da idade média ao mundo contemporâneo*. In: Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2014. Anais do 8º ENEPE UFGD e 5º EPEX UEMS. Mato Grosso, 2014. Disponível em <<https://anaisonline.uems.br/index.php/enic/article/download/.../2295>>. Acesso em 30 Abr 2018.

LOTTERMANN, Clarice. *Representações da morte na literatura infantil e juvenil brasileira*. Anais do SILEL. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009..

PAIVA, Lucélia Elizabeth. *A arte de falar da morte para crianças: a literatura infantil comorecurso para abordar a morte com crianças e educadores*. Aparecida-SP: Ideias & Letras, 2011.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

SALISBURY, Martin. STYLES, Morag. *Livro infantil ilustrado: A arte da narrativa visual*. São Paulo: Rosari, 2013.

TECKENTRUP, Britta. *A árvore das lembranças*. Tradução: Marília Garcia. Rio de Janeiro, Editora Rovel, 2014.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1994.

_____. O estatuto da literatura infantil. In: ZILBERMAN, R. MAGALHÃES, L. C. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1987. pp. 3-24

